

recontado por  
**FÁBIO ALENCAR MENEZES**

kraftwerk  
**DIE MENSCH-MASCHINE**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

kraftwerk  
**DIE MENSCH-MASCHINE**

recontado por  
**FÁBIO ALENCAR MENEZES**

---

ABRIL DE 2008  
VOLUME 60

**MOJO**  
BOOKS

---

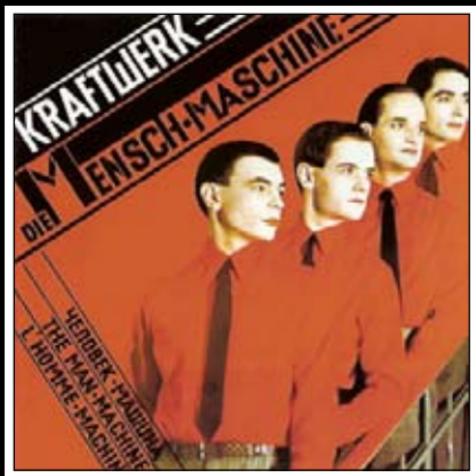
kraftwerk  
**DIE MENSCH-MASCHINE**

recontado por  
**FÁBIO ALENCAR MENEZES**

---

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**  
DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**  
REVISÃO: **CAMILA KINTZEL**  
CAPA DESTA EDIÇÃO: **SANDRO CASTELLI**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



## PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. The Robots
2. Spacelab
3. Metropolis
4. The Model
5. Neon Lights
6. The Man-Machine

---

## DIE MENSCH-MASCHINE KRAFTWERK

LANÇAMENTO: **1978**  
SELO: **EMI**

---



# **DIE MENSCH-MASCHINE**

Após treze meses, quatro dias, três horas, quatro minutos e poucos nanos segundos sob rotação máxima temporal orgânica, eu tinha certeza de tudo o que estava acontecendo. Era irrefutável tudo aquilo que estacionava em minhas células de processamento neural. É a minha história, minha missão e minha obrigação. Terei de fazê-lo, e tudo em um supra-ritmo, pois o tempo e as máquinas não passam; só a gente!

Fui avisado, não sei por quem, que meu irmão já se encontrava em casa, era hora do intervalo do dia de aula, ainda teria de ficar mais algum tempo na sala da escola, mais precisamente em dois horários da matéria de educação para o lar. Fiquei louco. Eu, em término da época ginásial, aprendendo a distribuir talheres e bons modos à mesa. Sei dos procedimentos: em churrasco se come com as mãos e limpam-se as mesmas no calção! Fim de aula, corri para casa.

Meu irmão saiu de casa no início do ano de seu aniversário hexadecimal. Com um peculiar pedido de minha mãe, ele aceitou o convite de uns fraternos da “reunião”, que minha mãe freqüenta, para passar um tempo na “fábrica” da congregação, que fica não sei onde, dizem que próximo de uma cidade grande, uma metrópole. Lá ele iria

aprender alguma coisa, arrumar um prumo para o seu ingresso na vida dos responsáveis. Ele, assim que foi apresentada toda a programação que estavam fazendo de sua vida, odiou tudo. Não queria sair da sua área, de seus programas, comandos e funções. Mas pressionado pelo ócio, pela feição de decepção de nossa mãe, e pela discreta percepção de que a função de arrimo será dele, mais cedo ou mais tarde, ele topou. Ficamos tristes. Em sua despedida ele me fez um pedido: “se acontecer alguma coisa com meus discos, eu sei que foi você! Aí vai ser seu fim! Mas se acontecer alguma coisa, como um tornado, terremoto, incêndio. Esqueça de tudo e de todos. Quebre a porta do guarda-roupa, salve todos os discos e, não se esqueça! A guitarra! Ela em primeiro lugar! Não existe mundo de verdade sem *rock...*”. Era o meu irmão!

Reencontramos-nos. “Oi rapaz! O bigode está começando a aparecer. Tão pouco tempo e já noto diferença em você: tá mais feio. Dê-me um abraço!”. Meu irmão com esses jeitos? Abraço? O que está acontecendo com ele? E essas roupas? Camisa com manga comprida e calça social? Estou chocado! Viro para o lado e vejo minha mãe toda reluzente, com aquela expressão “meu filho... que felicidade!”. Inicia-se um monólogo de sua jornada, de tudo que ele aprendeu, de tudo que ele conheceu. Eu, na verdade, depois de algum tempo me senti com meus sentidos físicos congelados. O tempo passava, nada via, nada escutava, nada falava. Como uma pessoa pode mudar tanto em tão pouco tempo?

Antes, eu levava uns murros, gritos e empurrões dele – coisas de irmão mais velho. Mesmo assim o idolatrava. Agora, não agüento escutá-lo, falar com ele. Que cara chato ele acabou se transformando. As mudanças deixaram uma distância ainda maior entre a gente. Pior que saber que ele acompanhava minha mãe no “encontro”, era saber que agora ele se apresentava à frente dos fraternos, em um horário em que somente a porção da juventude do bairro se reunia para aprender algumas lições de vida. Em pouco tempo já escutava que ele se tornara um modelo. Ouvi de algumas meninas bem jeitosinhas. Ouvi do professor, na escola. Eu ficava imaginando: serei somente eu a ver o real? Modelo de quê? O que está acontecendo? Serão todos malucos?

Mais um choque me levou de encontro à verdadeira mudança que estava acontecendo. Chegando de umas voltas que dei com os colegas pela oficina da escola de mecânica, notei um alvoroço na frente de casa. Apreseiei o passo. Perto do lixo, como ratos em restos, um monte de garotos começa a lutar por umas revistas. Eram as revistas de *rock* do meu irmão. Sempre me imaginei como sucessor legítimo daquele tesouro das artes do universo. Todas aquelas pérolas, que por direito divino e selvagem deveriam pertencer, por sucessão, a mim, eram disputadas por uns traidores e ignorantes. Parecia o embate da distribuição de comida estragada no lixão; como sorteio de equações a engenheiros.

Não consegui reagir. Não consegui lutar por nenhum pedaço de papel. No chão, restos de páginas. Algumas fotos e reportagens que eu considerava versículos da minha Bíblia. Meu irmão veio até a mim e sorriu. Disse que achava aquilo engraçado e que deveria ter se livrado daquele lixo há muito tempo. Me chamou para dentro dizendo ter uma surpresa, algo a ver com a guitarra. Volto a sorrir. Até que enfim a justiça se dará por progresso natural da evolução funcional. A máquina será minha. Passarei todos os meus momentos com ela. Aprendendo, aperfeiçoando-me, devotando-me a ela, executando-a. A guitarra será minha. Serei fielmente dela. Afinal, talvez ainda houvesse algum coração naquela figura. Chegamos ao quarto, ele abriu a porta do guarda-roupa e tirou uma maleta, ou algo que pareceu uma maleta. Abriu e me apresentou uma máquina de escrever. “Não é linda?” perguntou. Olhei para a guitarra. Não há guitarra. “Troquei a guitarra e os discos pela máquina de escrever elétrica e uns papéis. Arrumei um trabalho de datilógrafo, terei trabalho excedente e farei aqui em casa, é um dinheiro a mais. Se você quiser, te ensino a trabalhar com ela. Eletrônica é o futuro,” disse.

\* \* \*

Tarde da noite. “Traidor”. Aquela rapaziada lá fora é que são os verdadeiros. O cara traiu a mim, o *rock'n'roll*, a turma. O que aconteceu

de verdade naquela viagem? O que fizeram com meu irmão? Estou em nosso quarto. Começo a escutar um barulho falsamente ritmado. Sintético. Ordeiro. Leve. Sem erros. Agudo, porém levemente abafado. Ele está operando a máquina. Noto que na verdade aquele barulho não é aleatório. Há intenção. Construiu-se transe. Ele está fazendo música com aquele aparelho movido a circuitos, eletricidade e teclas. Não luto mais, estou sob o controle daquele mantra sintético.

“Venha aqui. Estou fazendo mágica,” diz meu irmão. Chego perto dele. Com uma caneta de ponta brilhante ele começa a fazer figuras com ângulos exatos. Muita geometria. Letras de forma. Ele me olha e sorri, como se esperasse um sorriso ratificando sua intenção. “Isto não é mágica, é um monte de retângulos e quadrados com palavras,” respondo a ele. Então ele aumenta o sorriso e vai até o interruptor de luz. As luzes estão apagadas, o sol já ilumina um pouco a janela. As linhas perfeitamente pintadas por aquela caneta começam a construir luzes. Transformam-se em luzes de néon. Observo-o. Então ele começa a traçar uma linha em seu peito. De cima a baixo. Um roxo tímido aparece sob o lugar onde ele aplicou a pintura. De seus olhos, um grande vermelho começa o dominar todo o ambiente. Já estou cego pela luz. Penso: “É verdade, é feitiço!”

Acordo. Agora sei o que realmente acontece. Ele não está datilografando nada. Ele estava fazendo música. Música de máquina, sem vida. Ele aplicava comunicação. Um protocolo super-avançado de comunicação. E aquelas

luzes de néon, luzes sem vida? Vou, silenciosamente, até a sala. Observo-o por algum momento.

“Ele é um *ROBOT!*”

Vem-me a pergunta: meu irmão foi trocado por um *robot*? Ou transformaram-no em um? Trair nosso mundo é fácil. Mas traír o *rock*? A guitarra? Fazer música com aquele aparelho com teclas? É certo. É certíssimo. Meu irmão é um *robot!* Meu irmão é sem dúvidas um *robot!* Que plano se passa por aquelas cabeças da congregação, o que será que aqueles hinos transmitem de verdade? Seriam muitos os dominados por máquinas? Bem que um dia, na oficina da escola, ao presenciar a exibição de um filme técnico na sala de projeção, que falava de máquinas e o homem e a integração homem-máquina. Citava a roda, a bicicleta, o elevador e carro, entre outras possibilidades. Por que não fiquei até o final do filme? Saber mais sobre invasão ou substituição.

Serei a resistência contra esta revolução das máquinas. Serei a usina de força do lado humano. O sangue. A carne. O inimigo do circuito. Do transistor. Vai ser real, humano e em breve.

A casa está inoperante. Sem luz e sem seres vivos. Vou até o quarto e procuro pelas caixas de som do nosso aparelho. Como não há mais discos, logo ninguém vai perceber o que farei com o equipamento. Desmonto tudo. Pego os imãs do alto-falante e os ponho no bolso. Monto o que sobrou. Saio de casa.

Passa da hora do jornal da TV, a escuridão da rua é minha aliada. Fico próximo à árvore, assim, quando eles começarem a descer a rua, não me avistarão. Confiro as armas: dois imãs das caixas de som. Espero que contenham fonte magnética para desestruturar o processamento dos transistores do *robot*. Começo a ouvir barulho. São pessoas conversando. Eles estão chegando da reunião de sexta-feira, daqui a pouco a ação se iniciará. A luz do poste ilumina o caminho dos invasores cibernéticos. A sombra noturna da árvore me deixa invisível. Calculo que já tenho o alvo em meu campo de fogo. Dou alguns passos para trás em busca de impulso para o tiro. Corro uns poucos passos e lanço a primeira bomba magnética. De imediato escuto um grande estrondo. Devido à escuridão, tão minha aliada, não percebo uma placa de trânsito com a impressão “PARE” um pouco a minha frente. Meu primeiro imã se fragmenta, entorta a placa e chama a atenção de todos. Coisas de guerra. Noto que o pessoal se assusta, menos o *robot*, que ainda avança, mas agora mais lento. Escuto meu nome. A tensão aumenta. Não perco tempo. Com menos tempo em jogo, arremesso o segundo imã. Todas as luzes da rua morrem. Assisto o resultado e corro. E muito. Escondo-me na oficina da escola, arrumo um lugar entre o maquinário. Sinto-me seguro e desligo-me.

Pela manhã, começo a repassar minhas ações e concluo as somas dos resultados obtidos:

- 1) o conjunto de ações foi bem planejado;

- 2) o primeiro imã foi destruído com o impacto na placa de trânsito;
- 3) o segundo imã superou as expectativas. Ao lançá-lo, acertei a fiação de energia elétrica, que entrou em curto e, antes do blecaute, foi possível observar que o encontro de minha arma magnética junto à cabeça de “um” *robot* o deixou inutilizado - não sei se de modo permanente;
- 4) descobri que minha mãe também é um *robot* - não sei se de modo permanente;
- 5) meu irmão *robot* deve estar me procurando, e querendo acabar comigo - não sei se de modo permanente;
- 6) as pessoas da rua, que sofreram com a falta de energia elétrica, devem estar me proc...

Alguns dias e noites se passam, escondido entre os metais, me sinto um soldado mais preparado, a manutenção de meu sistema vital por meio de uma dieta mínima (restos de lanches dos alunos), algumas horas de sono, e fixação mental no objetivo final, elevou em muito a apuração de meus sentidos, sinto-me mais rápido e eficiente, minhas idéias fluem como um feixe de *laser*. Agora tenho a arma perfeita. Vou ser a linha de comando final.

É noite. Estou na árvore próxima de minha casa. Porto a arma, um pé-de-cabra. Vou separar em definitivo as cabeças dos corpos destes mecânicos. Há algumas pessoas por lá, não sei o que fazem. Chega um carro, é meu irmão que está dentro dele. Como será que ele conseguiu

o carro? Eu nem sabia que ele tinha licença para dirigir. Ele entra e sai carregando uma mala. Abre o porta-malas e a aloja por lá e volta para dentro. No momento seguinte alguém o chama. É a minha vez. Desço da árvore e entro no porta-malas. Um pouquinho depois, escuto o barulho de uma porta se abrindo e algumas pessoas conversando. Tenho certeza que no carro, pelas vozes, estão meu irmão e minha mãe. Pela conversa acho que nos encaminhamos para um hospital, deve ser um hospital de robóticos. Meu imã danificou alguma estrutura de minha mãe. Coitada - se fosse minha mãe mesmo! Após algumas palavras, o barulho do motor é o som do ambiente.

Tento empurrar o banco traseiro que dá acesso ao habitáculo do automóvel para destruir essas duas eminências de perigo à raça humana. Não consigo, mas me mantenho oculto e sem fazer barulho algum. Sinto que subimos uma pequena rampa e paramos, devemos ter chegado ao destino. Eles saem do carro. Nesta área inimiga, temo pelo pior, pois não consigo sair do porta-malas, foi fácil entrar, mas sair é difícil. O pânico desperta em mim. Forço, com brutalidade, o banco e utilizo o pé-de-cabra. Escuto uns estalos mecânicos. Forço novamente um movimento para abrir passagem pelo banco, uma vez, duas vezes. Na terceira vez, vitória! Só que me posiciono de mau jeito e acidentalmente caio de lado no console central do carro e ao tentar levantar, me apóio no breque de mão do carro. Este, destravado, começa a descer pela rampa de acesso. Levanto a cabeça

e noto algumas pessoas mirando a minha viagem sem controle. Olho para trás, um poste posicionado em frente ao acesso do hospital começa a crescer. Não rezo, lembro-me de uma música, não é *rock'n' roll*, é o mantra que o *robot* fazia na máquina de escrever. Batida. Minha cabeça encontra a parte superior do console central. Começo a sangrar bastante, o sangue alcança meus olhos. Meu corpo segue ativo, mas sinto-me um personagem indireto, sem palavras, sem feição ou gestos. Sinto algo na barriga, uma extremidade do pé-de-cabra entrou, com o impacto da batida, em minha barriga.

Chegam as pessoas, e não tenho mais energia para me defender, estou rendido. Admito: como eles são superiores! Merecem o mundo! Colocam-me em uma maca e sou conduzido ao hospital. Vejo meu irmão me acompanhando em meu percurso. Além dele, outros tentam se comunicar comigo, não os escuto, acho, na verdade, que não os entendo, deve ser uma linguagem muito avançada, fora da minha capacidade protocolar humana de compreensão. Viro minha cabeça para que o sangue que ainda sai não prejudique totalmente meu campo de visão. Fico analisado o caminho por onde passo, conto uma porta, mais uma, mais uma, uma outra. O mantra ressurge, um confortável sono começa a me dominar. Observo como é grande o hospital, tantas portas. Por fora a construção é tão comum e normal. Concluo que, na verdade, isto não é um hospital, mas sim um laboratório dos *robots*, e talvez nem na Terra

eu mais esteja. Fim. A raça humana perdeu, torturam minha cabeça com esse mantra infundável. Ao menos não fui medíocre, nem traidor. Terminei minhas operações de guerra reconhecido pelo inimigo, sem família e esvaindo meus últimos pensamentos em um laboratório espacial.

**FIM**



**MOJO**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)